

Inspetoria Salesiana São Pio X - BPA

Porto Alegre - RS - Brasil

**Paróquia Nossa Senhora Auxiliadora
Santa Rosa - RS - Brasil**



Padre Arcangelo Moratelli

★ 24 de janeiro de 1916 - Rio do Oeste - SC

† 08 de junho de 2003 - Santa Rosa - RS

Padre Arcangelo Moratelli

Santa Rosa, 30 de setembro de 2003

Cabe-me apresentar alguns traços da vida e atividades do P. Arcangelo Moratelli, falecido santamente no dia 08 de junho do ano corrente, Domingo de Pentecostes.

SUA FAMÍLIA E OS ESTUDOS INICIAIS

Nasceu no dia 24 de janeiro de 1916, na localidade de Rio do Oeste, em Santa Catarina, tendo sido registrado em Rio do Sul, município do qual Rio do Oeste era então apenas um distrito. Seus pais eram o Sr. Manoel Moratelli Filho e Da. Rosa Girardi Moratelli. No registro de nascimento consta o nome Arcangelo, embora já desde o ano de 1937 em seu registro de professor particular apareça o nome de Archanjo. Em 1949 no certificado de registro definitivo de professor também consta o nome Arcanjo e é com esse nome que assinou o referido documento.

Sua família é constituída de 10 irmãos (Virgílio, falecido em Cafelândia, no Paraná; Gelindo e Serafim, falecidos em Tupaci, Paraná; Norberto, falecido em Salete, SC; Lino, Eugênia e Francisco, residentes em Salete, SC; Leandro, falecido em Guarantã, MT; Vitor residente em Cafelândia, PR); e três irmãs: Anita, irmã salesiana falecida em acidente de carro em Porto Alegre no ano 1988; Tereza, falecida em Foz do Iguaçu, PR, e Maria, falecida ainda criança em Rio do Oeste, SC.

Ainda adolescente foi para o Aspirantado Salesiano de Ascurra de onde, conforme ele mesmo narra, tentou voltar para casa várias vezes. Nunca contudo conseguiu seu intento porque ao chegar ao Rio Itajaí para passá-lo com a balsa, o balseiro, que bem conhecia “*i colleganti*” o dissuadia e ele acabava retornando para o Aspirantado. Depois de alguns anos em Ascurra, SC, foi para Lavrinhas SP, onde ficou até fins de dezembro do ano de 1933. No início de sua permanência neste aspirantado, longe da família e sentindo muita saudade, também planejou voltar para casa, o que não lhe foi possível fazer porque nenhum irmão ou parente próximo teve possibilidade de visitá-lo nesta ocasião.

A FORMAÇÃO SALESIANA

Em 1934 fez o ano de noviciado na cidade de Campinas, SP, recendo a batina no dia 06 de janeiro, juntamente com 16 colegas. No dia 28 de janeiro de 1935 terminou o ano de noviciado com 12 colegas e ingressou oficialmente na Congregação Salesiana, fazendo pela primeira vez a profissão dos votos de obediência, pobreza e castidade. Em Lavrinhas, SP, nos anos de 1935 e 1936 cursou a Faculdade de Filosofia, tendo obtido o registro de professor de Ciências Naturais, Matemática, Geografia Geral e Geografia do Brasil para o 1º e 2º ciclos, com validade para todo o território nacional, expedido pela Diretoria do Ensino de São Paulo. Depois de terminados os estudos de Faculdade, foi enviado ao Liceu Coração de Jesus na cidade de São Paulo, onde trabalhou como Assistente Salesiano nos anos de 1937, 38 e 39. No dia 15 de janeiro de 1938 fez a renovação da profissão religiosa na cidade de Lorena, São Paulo. Iniciou os estudos de Teologia em São Paulo, no bairro da Lapa, no ano de 1940, tendo feito a profissão perpétua no dia 07 de dezembro do mesmo ano. Trans-

corridos três anos de teologia, no dia 07 de março de 1943 foi ordenado diácono. E no dia 08 de dezembro de 1943, foi ordenado sacerdote.

SEU SACERDÓCIO

São de seu colega e irmão de congregação e de sacerdócio, P. Cleto Caliman, de 89 anos de idade e atualmente residente em Venda Nova do Imigrante, ES, as considerações aqui relatadas: *"Convivi com o P. Arcanjo 14 anos. Amigo, irmão e companheiro no aspirantado, noviciado, filosofia e teologia, até ao sacerdócio, em 08 de dezembro de 1943. Nos 74 anos de vivência salesiana, meu contato com o Arcanjo, após nossa ordenação sacerdotal, limitou-se a carta-vai, carta-vem. Morreu santo. Invejo-o. Graças sejam dadas ao misericordioso Pai. Em meu dia-a-dia com o Arcanjo aspirante, noviço, assistente e teólogo defino-o: São Pedro, às vezes meio atraulado, mas sempre amigo de Jesus".*

SEU TRABALHO E SUA MISSÃO

Ordenado Sacerdote, foi enviado para Lavrinhas, SP, onde desempenhou o cargo de economista nos anos de 1944 e 1945. Nos anos de 1946, 47 e 48 exerceu o cargo de diretor e construtor do Colégio Salesiano em Pará de Minas, no Estado de Minas Gerais. De 1949 a 1956 foi Reitor, construtor e Econômico do Seminário Diocesano de Campo Grande no atual Estado do Mato Grosso do Sul. Com data de 2 de dezembro de 1952, em Campo Grande, o comandante do Corpo do Exército Cândido Nestor da Silva, outorgou-lhe o certificado de reservista da 3^a categoria, sob o nº 580690. Em 1957 foi Secretário do Arcebispo Dom Orlando Chaves em Cuiabá.

Era ainda professor e confessor no Seminário Metropolitano Nossa Senhora da Conceição.

No início do ano de 1958 foi designado para trabalhar em Ascurra, SC. Conforme escreve na Crônica o P. Alfredo Bortolini, então diretor do Ginásio São Paulo e Vigário provisório da Paróquia, o P. Arcanjo, proveniente de Rio do Sul, chegou a Ascurra no dia 2 de março de 1958, tendo no mesmo dia iniciado as suas funções. Ele próprio registra em seguida que sua provisão para Vigário de Ascurra chegou de Joinville no dia 10 março. Sua permanência nesta paróquia foi até o dia 25 de outubro de 1959, data na qual se encontra registrada na crônica a seguinte informação: “*Às 8h da noite deixa-nos o grande P. Arcanjo Moratelli. Dirigi-se para Rio do Sul, com destino a Santa Rosa, no Rio Grande do Sul. Não há palavras suficientes para enaltecer a obra que o P. Arcanjo realizou na Paróquia de Ascurra. Muitos choraram sua saída. O pesar desceu sobre todos. Foi Vigário enérgico mas compreensivo das crianças, dos pobres e doentes. Foi o sacerdote do confessionário. Talvez seja esta a nota mais característica de sua atividade em Ascurra. Passava longas horas no confessionário, esperando os pecadores para que fossem buscar alívio para suas mágoas e o perdão para seus pecados. Foi o vigário da paz nas famílias e o conselheiro leal. Distinguiu-o seu grande amor a Nossa Senhora Auxiliadora, adquirindo duas estátuas que estão peregrinando pelas famílias da Paróquia. Por tudo o que fez, uma profunda gratidão de todos os paroquianos*”.

EM SANTA ROSA

De Rio do Sul, onde naquele ano estava a sede da Visitadaria São Pio X, dirigiu-se para Santa Rosa, Rio Grande do Sul. Em uma circular com data de 21 de novembro de 1959, o P. Alfredo Bortolini, Visitador Salesiano, dá as seguintes in-

formações: "SANTA ROSA - após insistentes pedidos do Exmo. Sr. Bispo de Uruguaiana, D. Luiz Felipe De Nadal, os nossos superiores aceitaram a Paróquia e o Ginásio de Santa Rosa. No dia de Todos os Santos (01/11) foi solememente empossado como Vigário da Paróquia, dedicada ao Sagrado Coração de Jesus, o mesmo P. Arcanjo Moratelli. O próprio Sr. Bispo, na sua esquisita bondade e alta estima pelos Salesianos, quis estar presente e presidir a cerimônia. Foi motivo de profundo regozijo popular e de alto significado histórico a entrada dos Salesianos em Santa Rosa, pleiteada por aquele povo desde 1946. Assumimos o encargo do Ginásio, ainda não construído, mas que já funcionava no Colégio da Irmãs Franciscanas. Uma comissão ativa e impaciente espera atacar quanto antes as obras da construção, num terreno de 5 hectares. Em futuro próximo desejamos abrir lá um pré-aspirantado para as vocações daquela região, muito fértil e muito promissora".

Como foi relatado acima, no dia 1º de novembro de 1959 tomava posse como novo Vigário em Santa Rosa. A administração paroquial estava então passando do clero secular para a Congregação Salesiana, num contrato assinado para 25 anos. Era Vigário o Mons. Thiago Luiz Kreutz que por motivo de grave doença estava então sendo substituído por um bom tempo pelo P. Valdemar Maldaner.

Por ocasião da tomada de posse, P. Arcanjo fez o seguinte discurso:

"Exmo. Sr. Dom Luiz Felipe De Nadal, DD. Bispo diocesano; Revdo. Padre Alfredo Bortolini, superior dos Padres Salesianos de Dom Bosco do Sul do Brasil; Revdo. Mons. Luiz; Revdos. Padres, autoridades e amados paroquianos. Com estas cerimônias que acabamos de assistir, recebi da autoridade eclesiástica o cargo de Vigário desta paróquia do Sagrado Coração de Jesus, de Santa Rosa. O Vigário, no dizer do Papa Bento XIV, é um auxiliar do bispo, na direção da grei que

Ihe foi confiada. É meu dever agora continuar, com a graça de Deus, a formar, reger, guiar pelo caminho da salvação e a exercitar nas virtudes cristãs os meus amados paroquianos. Deverei conhecer minhas ovelhas, oferecer por elas o Santo Sacrifício, apascentá-las com a pregação da palavra de Deus e a administração dos Santos Sacramentos. Grande é meu dever, cujo desempenho espero conseguir da infinita bondade do Coração de Jesus. Agradeço ao Sr. Bispo a delicadeza de sua presença nessa hora, como também ao Sr. Padre Superior, ao Monsenhor e demais sacerdotes e autoridades. Sendo a primeira vez que dirijo a palavra como Vigário nesta paróquia, é meu desejo saudar com este ato a todos os paroquianos da Matriz e das capelas, especialmente os doentes, as crianças e os desamparados. Saúdo também os nossos irmãos separados. Que a Virgem de Dom Bosco, Nossa Senhora Auxiliadora, assista e proteja os salesianos neste novo campo de apostolado, para que possamos fazer só o bem, usando como meios a tríplice devoção ensinada por Dom Bosco: Devoção a Jesus Sacramentado, Devoção a Maria Santíssima Imaculada e Devoção ao Papa".

Ao mesmo tempo que exercia o cargo de Vigário da Paróquia, assumiu também o trabalho de iniciar a construção da obra salesiana, hoje denominada Instituto Educacional Dom Bosco, mas que iniciou com o nome de Ginásio Dom Bosco. Como Vigário de Santa Rosa tinha sob sua responsabilidade os municípios de Tuparendi, Tucunduva, Cinqüentenário e Porto Mauá, somando então aproximadamente 100 comunidades.

Foi nos primeiros anos de seu trabalho e nos anos subsequentes que, simultaneamente à construção do Ginásio Salesiano Dom Bosco era construído o Hospital Dom Bosco. Seus idealizadores foram o Dr. Emílio Lovato, o Dr. Chateaubriand Neme, o Dr. Lívio Cecconi e o Sr. Osvino Kerber, contador. Informa o Dr. Emílio Lovato, benemérito médico do Hospital Dom

Bosco e da cidade de Santa Rosa, que o nome "Dom Bosco" dado ao Hospital, foi sugerido pelo engenheiro construtor Dr. Walter Franke, que mesmo sendo protestante, tinha estima especial pelos salesianos e pela obra iniciante. Era comum os salesianos suprirem a obra de construção do Hospital com materiais que faltavam, fazendo o mesmo os médicos para os salesianos, quando necessário.

Enquanto o hospital estava sendo construído, logo uma dependência do 1º andar foi reservada para o P. Arcanjo celebrar a missa. Em seguida, foi reservada uma peça no 2º andar, para ser a capela, mas tão pequena que mal parecia ser um oratório devocional. Foi enérgico em não aceitar aquele espaço, e com firme determinação ele mesmo demarcou as dimensões que deveria ter a capela. Desde o início, neste hospital havia um quarto reservado para o seu uso, até a época em que foi criada a nova paróquia Nossa Senhora Auxiliadora, para onde se transferiu. Isto se deu em outubro de 1988.

Sua permanência como diretor da obra salesiana e como Vigário da Paróquia foi breve. Na sua humildade e simplicidade, e naquela característica que o revestia de não se sentir bem com honrarias, entrevistas e homenagem, pediu para deixar essas responsabilidades. Assim, no dia 25 de fevereiro de 1962 passou a ocupar o cargo de Vigário Cooperador, passando a ser diretor e Pároco o P. Alfredo Bona.

Solicitado a dar algumas informações, o P. Alfredo Bona assim relata: *"Convivi com o P. Arcanjo de 1962 a 1967, como seu diretor e pároco, pois embora fosse ele mais talentoso, em sua humildade, que lhe era proverbial, trabalhou como vigário cooperador. Detestava cargos honoríficos e homenagens. Dele só tenho palavras de encômio. Homem de Deus, bom pastor que soube viver o seu sacerdócio, humano, compreensivo, mas também intransigente no que se tratava das coisas de Deus e da Igreja. Prestativo e dedicado à incumbência que lhe coube."*

Tinha por "Betânia" a capela do Lageado Tarumã, por ser a mais difícil na época. Houve ali verdadeiras conversões". No primeiro ano que assumiu a paróquia foi feita uma verdadeira missão. Visitou-se toda a paróquia com suas capelas. Dos mais de 300 casamentos realizados no ano, depois de averiguar as condições exigidas pela Igreja, metade deles foram legitimações. Nesse trabalho foi um verdadeiro apóstolo. Foi um verdadeiro anjo para os doentes, sempre pronto para atendê-los, chamado ou não, nos dois hospitais da época: Santa Casa e Tupa-rendi, levando sempre a palavra de conforto e os sacramentos da Igreja. Quando assumi o colégio, nunca se negou para atender os alunos em confissões na tradicional missa da 1ª Sexta-feira de cada mês, dedicada ao Sagrado Coração de Jesus e no dia 24 dedicado a Nossa Senhora Auxiliadora".

No ano de 1964 o Inspetor Salesiano o chamou e pediu que retornas-se à Paróquia Santo Ambrósio de Ascurra-SC. Assim foi que no dia 7 de fevereiro de 1964 foi nomeado pároco daquela paróquia, vindo a tomar posse somente no dia 5 de abril do mesmo ano. Sua permanência em Ascurra, nesta segunda vez, foi também de dois anos.

SEU GRANDE ZELO APOSTÓLICO

Em 1966 retornou para Santa Rosa, onde viveu laboriosamente até os últimos dias de sua vida. Sua atividade continuou no mesmo ritmo, sempre dando muita atenção aos doentes, às crianças e aos pobres. Isso o fez residir, já a partir de 1966, no Hospital de Caridade. Naqueles anos o Sr. Celestino Gregory trabalhava na horta do hospital; foi coroinha do P. Arcanjo de 1967 até 1972, e nos anos seguintes foi enfermeiro até se aposentar. São dele as informações que seguem: "Os funcionários e funcionárias eram todos internos e internas. Todos os dias, antes de dormir, ia visitar todos os doentes para

saber quem desejava participar da missa e fazer a sagrada comunhão. Antes das 4h celebrava a Eucaristia, e em seguida visitava todos os doentes. Nestas horas queria sempre a presença de enfermeiros(as). Às 7h estava no confessionário. Conhecia bem todos(a), e quem não se aproximava dos sacramentos chamava para saber os motivos".

Simultaneamente ao hospital de Caridade, uma vez por semana celebrava também a missa no Hospital Dom Bosco, que aos poucos chegava ao bom término de sua edificação. Fazia muitos batizados, não só na Matriz e nas capelas, mas também nos hospitais.

Com o trabalho no hospital, fundou a Congregação Mariana para os homens e a Congregação das Filhas de Maria para as mulheres. Vários desses grupos foram se formando. Todos os sábados fazia reunião. Com freqüência havia o encontro de todos os grupos na igreja Matriz, com celebração especial. O Sr. Celestino trabalhou no Hospital de Caridade durante 32 anos, e nos últimos 20 dias da vida do P. Arcanjo foi seu enfermeiro de cabeceira todas as noites. Foi de muita alegria para o enfermo reconhecer o seu antigo coroinha, que no início chamava pelo nome, e depois com a alcunha carinhosa de "baixinho". Relata-nos ainda que nos últimos dias, em delírio, celebrava missas, fazia batizados, dava bênçãos, fazia casamentos. No ano de 1978 deixava a morada do hospital para morar na residência da Paróquia Sagrado Coração de Jesus.

Seu zelo o fazia percorrer com freqüência todo o território da paróquia. O veículo que sempre o acompanhava era um Jeep. Ia até a cidade vizinha de Giruá, distante 25 quilômetros, para atender as monjas carmelitas às 5 da manhã, em estrada de chão. Nas suas idas e vindas sempre dava carona à garotada que encontrava pelas estradas. Na região de Santa Rosa fez o uso de dois: o segundo recebeu a capota branca

do primeiro. Como suas andanças eram muitas, ficou conhecido por toda a população como o “jeep do P. Arcanjo”.

Pelos anos 90 foi constatado um sério problema cardíaco, e o médico aconselhou-o a não dirigir mais, pois qualquer imprevisto poderia causar algum transtorno de saúde. Imediatamente entregou as chaves do veículo e não dirigiu mais. Mais tarde o Jeep foi sorteado rendendo uma considerável soma para a Paróquia, que muito ajudou nas melhorias necessárias.

Em 16 de outubro de 1988 foi instalada solenemente a nova Paróquia Nossa Senhora Auxiliadora, na rua General Osório, criada na cidade de Santa Rosa. Era o ano do centenário da morte de Dom Bosco e os Salesianos, deixando a paróquia Sagrado Coração de Jesus, assumiram a nova paróquia.

P. Arcanjo e o P. Tarcisio Brasil Martins, pároco naquela circunstância, passaram a articular todo o trabalho pastoral do novo campo de missão, residindo em uma casa alugada, próxima à nova Igreja Matriz. Conta o P. Tarcísio: *“tive a felicidade de morar com ele durante oito anos, de 1985 a 1992, primeiro na paróquia Sagrado Coração de Jesus, e depois na Paróquia Nossa Senhora Auxiliadora. Sempre me lembro do que dizia alguém, quando falava a respeito de uma pessoa considerada muito santa: ‘não sei, nunca morei com ela’. Eu, que tive a graça de morar com ele, posso dizer que têm razão todos os que o consideravam santo. A respeito do P. Arcanjo, sempre achei que uma frase da carta de São Paulo aos Romanos é a passagem do Novo Testamento que mais expressa quem ele era: ‘Antecipai-vos em ações recíprocas’ (Rm 12,10). Todos nós em geral esperamos que alguém nos peça para lhe fazer o bem; era a solicitude em pessoa. Era grande a sua atenção e sua preocupação pelos outros, especialmente os pobres. Sempre se conservou um padre atualizado, tanto pelas contínuas leituras que fazia, como especialmente pela atenção e solicitu-*

de com os problemas da popula-ção. “Quem pensa no povo, mantém-se atualizado; quem pensa só nas leis, nas normas e doutrinas, torna-se uma pessoa seca e autoritária, não progride na sua mentalidade, e muito menos na solicitude pelo Povo de Deus, dizia”.

O que foi dito acima fica confirmado com a freqüente constatação de quanto se preocupava com os pobres, os doentes, as crianças, e as famílias enlutadas. Foram inumeráveis as vezes em que ele, ao saber da necessidade de uma encomendação ou sepultamento deixava outros compromissos, às vezes até mais urgentes, para estar junto às famílias enlutadas. Estava sempre atento às informações da paróquia, e chegava até a solicitar que se telefonasse para as funerárias para saber se alguém precisava de auxílio.

Nos quase quarenta e dois anos de atividade em Santa Rosa, durante muitos anos, e especialmente nos últimos tempos dedicou-se à pescaria. Era o seu divertimento. Mesmo não deixando de prover a residência salesiana de apetitosos frutos da pescaria conseguidos por ele, a isso se dedicava para buscar um pouco de alívio para as tensões e os cansaços. Buscava mais os lagos e os “pesque e pague” de proprietários de terras que o atendiam sempre prestimosa e graciosamente. Os locais mais freqüentados eram: a propriedade da família Arni e Quartília Heimerdinger, a propriedade do Sr. Daltry Teixeira, e o Balneário Veiga de propriedade da Sra. Glaci Veiga, para onde ia com maior freqüência e onde lhe haviam construído um pequeno rancho à beira do lago para que se sentisse bem à vontade.

De família numerosa e com irmãos nos Estados de Santa Catarina, Paraná e Mato Grosso, fazia algumas viagens para visitar os parentes ou atendê-los em alguma celebração. Seu inseparável companheiro e amigo foi o Sr. Doralino Pinto, residente no Lageado Tarumã. Era o seu motorista. A viagem era

programada de tal forma que nunca ficasse muito tempo ausente dos fiéis, que necessitavam de sua atenção. Foram também seus motoristas o Sr. Lauro Hintz, Mauri Endress, Aldo Pinto e Primo Pasa.

No ano de 1998, depois de muito esforço e economia foi concluída a construção da nova residência paroquial. Então foi deixada a casa onde os salesianos moravam de aluguel. A Sra. Elveni Bamberg é que então foi admitida como cozinheira e encarregada de outros serviços da casa. Por quatro anos acompanhou o P. Arcanjo. Conhecerá-o desde a infância, quando no Lageado Ipê recebeu dele a 1^a Eucaristia. Foi ele que a casou no dia da festa de Corpus Christi e batizou seus filhos. Era ela a encarregada da sua dieta alimentar e da medicação nas horas estabelecidas. Nos últimos tempos, as vezes acamado, chamava-a por meio de uma sineta que sempre estava ao lado da cama. Relata a Sra. Elveni que “*tinha muito amor aos passarinhos. Às dezenas, pela manhã, vinham para o gramado da casa à espera de arroz quebrado que ele sempre jogava aos punhados. Eram especialmente rolinhas, mas os pardais faziam junto à festa. Não gostava dos gatos, que sempre enxotava para longe quando rondavam a casa. No período do inverno, o fogão a lenha estava sempre aceso. Ele mesmo não deixava que se apagasse o fogo, especialmente de noite. Isso era até motivo de alguma preocupação para os convivas. Com freqüência pelas 1h30min ou 2h já estava se aquecendo ao fogo*”.

Dona Elveni passou muitos dias no hospital cuidando do doente. De noite ficavam os salesianos e com muito mais freqüência inúmeros leigos dedicados e atenciosos.

Foi sempre considerado um padre de grande significatividade para a cidade e a região. Assim é que já no ano de 1983 a Câmara Municipal, por moção do vereador Genésio Grizzoti o indicou para receber o título de cidadão Santarosense.

Na sua humildade e naquela característica pessoal que o acompanhava de não aceitar honrarias, recusou a homenagem; e nisto foi respeitado por aqueles que lhe queriam outorgar o título. Vinte anos depois, isto é, no ano corrente, o vereador Davi Pereira da Silva voltou a fazer a proposta na câmara. Foi aceita, e ele, ao ser consultado, também concordou. A solenidade foi agendada para o dia 11 de junho, uma quarta feira. Mas não sobreviveu para receber o título. Faleceu três dias antes. Na missa de 7º dia foi-lhe prestada a homenagem póstuma. O diploma de cidadão Santarosense foi passado às mãos do diretor da comunidade salesiana pelo presidente da câmara municipal, vereador Nelci Dani.

SUA DOENÇA E SUA MORTE

O P. Arcanjo teve sempre saúde suficiente para poder exercer com normalidade suas múltiplas funções. Gostava de lembrar que quando necessitado de atendimento médico, estava em boas mãos, pois dizia ter muitos "afilhados" médicos, isto é, vários médicos que foram batizados por ele. A idade porém trouxe-lhe também transtornos. Nos seus dois últimos anos de vida foi aconselhado a reduzir as suas atividades. Permanecia mais em casa acolhendo alguma pessoa que o procurava para conversar. Com bastante tristeza aceitou a limitação. Seu estado de saúde foi necessitando de maiores cuidados. Já não era mais recomendável deixá-lo sozinho em casa, especialmente à noite. Sempre alguém pernoitava com ele. E para este gesto de caridade muitos amigos da obra salesiana se prontificavam quando os dois sacerdotes com quem convivia precisavam se ausentar.

No dia 10 de abril, teve início o seu sofrimento maior. Foi internado, e já no dia 12, foi levado para UTI do Hospital de Caridade; permanecia no hospital uns dias e retornava para casa. Essa ida e vindas se repetiu várias vezes.

O Sr. Ivo Hass seu companheiro de pescaria, que esteve várias vezes amparando-o em sua doença, assim escreve; “Na última vez que fomos pescar, ele pescou até meia tarde, depois começou a caminhar e olhar os lagos, um depois do outro; olhava longe os matos, os açudes, a natureza; usava a vara de pescar para se segurar. Neste dia eu estranhei muito seu jeito, perguntei-lhe se queria pescar mais. Falou que não queria, pois não estava pescando nada. Já no hospital, na noite anterior ao seu falecimento, fez um movimento diferente com a cabeça, forçando-a para trás. Pelas 2h45min pediu pelo P. Eduardo; falei que ele estava viajando para o Mato Grosso. Pediu também pelo P. Márcio; disse a ele que eu podia chamá-lo mas não quis que o chamassem. Outro pessoa que ele chamou várias vezes foi seu irmão Lino. Pediu que eu lhe desse a bênção. Dei a bênção fazendo o sinal da cruz, mas não gostou, segurou minha mão me ajudando a fazer o sinal, rezamos o Pai-Nosso, o Santo Anjo, me abençoou também, desejando uma vida feliz e uma boa morte. No final pegou a minha mão para me beijar e pediu que eu fosse dormir e descansar.”

Assim iam terminando suas forças. No dia 08 de junho, Domingo de Pentecostes, às 15h30min partiu desta vida para receber a coroa da vitória. Era a 4^a vez que era hospitalizado desde o dia 10 de abril. Estava com ele o Sr. João Beltrame, ministro do batismo de nossa paróquia. A constatação da morte foi feita pelo Dr. Adalberto Cochlar, seu médico cardiologista, dando como causas: parada cardíaco-respiratória e insuficiência cardíaca refratária. Logo a notícia chegou às pessoas e as rádios da cidade, que fizeram ampla divulgação. O corpo foi levado para a Igreja Matriz Nossa Senhora Auxiliadora. Às 20h foi celebrada a primeira missa de sufrágio. Na manhã do dia seguinte, às 9h foi celebrada uma segunda missa. A Igreja estava lotada. Fizeram-se presentes todos os professores, funcionários e alunos do Colégio Salesiano Dom Bosco, que ele havia inaugurado no dia 24 de maio de 1960, festa de Nossa

Senhora Auxiliadora. Aos poucos todos os parentes e amigos iam recebendo a notícia. Os Salesianos e toda a Família Salesiana também. A missa de sepultamento foi celebrada às 15h. Foi presidida pelo Sr. Bispo diocesano Dom Estanislau Amadeu Kreutz. Concelebraram o P. José Valmor César Teixeira, Inspetor Salesiano, outros seis sacerdotes salesianos, oito sacerdotes das paróquias vizinhas; estavam presentes dois pastores da Igreja Luterana, Religiosos e Religiosas e grande multidão de povo. No final da celebração, fizeram uso da palavra o P. José Valmor César Teixeira, Inspetor Salesiano, o Sr. Alcides Vicini, prefeito municipal; o Sr. Sérgio Moratelli, em nome dos familiares e o Sr. Eclair Moraginski, em nome da comunidade paroquial. O corpo foi levado para o Lageado Tarumã. A Brigada Militar e a Polícia Rodoviária se prontificaram para assessorar o cortejo, que passou pelas ruas centrais da cidade. Ao passar junto às Igrejas Luteranas e em frente à sede da Paróquia Sagrado Coração de Jesus, onde atuara por trinta anos, os sinos repicavam. Dezenas de veículos e três ônibus transportaram o povo para lhe dizer adeus. No percurso muitas crianças de escolas públicas e particulares faziam tremular bandeirinhas de despedida. Antes de o corpo ser descido ao túmulo, os parentes vindos de Santa Catarina, do Paraná e do Mato Grosso lhe prestaram uma última homenagem. Cantaram a canção dos imigrantes italianos "NOI SIAM PARTITI". O Prefeito Municipal decretou luto oficial por três dias; a população aos poucos foi se acostumando com a dura realidade de não ter junto de si o P. Arcanjo.

A missa de 30º dia foi celebrada no salão de festas da comunidade São João Batista do Lageado Tarumã, junto ao túmulo. À hora da procissão das oferendas, foram levados ao altar: a “alva” com a qual iniciou seu trabalho sacerdotal nesta cidade; o chapéu de palha, símbolo de suas andanças; a vara de anzol que usava em suas tardes de descanso, e muitos bombons. Nas festas de Natal e de Páscoa sempre distribuía bombons para todo o povo em todas as comunidades onde celebrava. Ainda vivo, já se havia munido de bombons para a próxima distribuição. Foi o último presente que deixou; ao receber-lo e saboreá-lo um misto de alegria e de emoção perpassava o interior de todos.

Poderia enriquecer este final de relato com inúmeros depoimentos e narrativas a seu respeito. Limito-me a transcrever a inocência de um menino, aluno de catequese, que em 1996 lhe mandou um cartão de felicitações por ocasião do dia do padre, no mês de agosto. Dizia o cartão: “Parabéns, padre Arcanjo! Você é o melhor padre do mundo”.

P. Severino Piccinini
Diretor

P. Arcangelo Moratelli

✗ 24 de janeiro de 1916 – Rio do Oeste - SC

† 08 de junho de 2003 – Santa Rosa - RS

87 anos de idade – 68 de Profissão Religiosa – 60 de Sacerdócio